



UNIFEOB

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS

ESCOLA DE NEGÓCIOS ONLINE

CIÊNCIAS CONTÁBEIS

PROJETO INTEGRADO

GESTÃO DO RISCO NAS PEQUENAS
PROPRIEDADES RURAIS

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

NOVEMBRO, 2021

UNIFEOB
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS
ESCOLA DE NEGÓCIOS ONLINE
CIÊNCIAS CONTÁBEIS

PROJETO INTEGRADO
GESTÃO DO RISCO NAS PEQUENAS
PROPRIEDADES RURAIS

MÓDULO TÓPICOS CONTEMPORÂNEOS

GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCO – PROF. LUIZ FERNANDO
PANCINE

GESTÃO DE AGRIBUSINESS – PROF. DANILO MORAIS DOVAL

ESTUDANTES:

ALESSANDRA TARDELLI JORGE, RA18000520
CAMILA CANDIDO DE SOUZA, RA18000518
MARILANE AP. M. RISSO, RA18000517

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

NOVEMBRO, 2021

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. PROJETO INTEGRADO	4
2.1 GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCOS.	4
2.1.1 PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE RISCO	4
2.1.2 MATRIZ DE RISCO	7
2.2 GESTÃO DE AGRIBUSINESS	9
2.2.1 A AGRICULTURA FAMILIAR	10
2.2.2 GESTÃO NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS	11
2.2.3 GESTÃO DO RISCO PARA UMA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL	17
3. CONCLUSÃO	20
ANEXOS	22

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Interdisciplinar tem como objetivo, estudo , análise sobre o conteúdo dado pelo tutor, adquirindo assim conhecimento e um bom aproveitamento e resultado sobre o tema Gestão Do Risco Nas Pequenas Propriedades Rurais , ao longo do trabalho vamos abordar o desenvolvimento e registrar todos os passos que serão feitos para alcançar os objetivos do projeto.

2. PROJETO INTEGRADO

Neste tópico do Projeto Integrado, serão apresentados os aspectos relacionados à gestão das pequenas propriedades rurais e analisado o risco envolvido para esse tipo de negócio.

2.1 GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCOS.

A gestão de riscos é um processo por meio do qual são adotadas medidas práticas focadas em infraestrutura, políticas e metodologias, permitindo, assim, que os riscos sejam controlados a limites aceitáveis. Ter esse trabalho preventivo ajuda na antecipação de possíveis situações e considera a prática como uma parte importante dos processos.

No entanto, não devemos ficar restritos à atuação preventiva. Muitas vezes, a gestão atuará de maneira prescritiva, ou seja, quando o risco é manifestado sem ter sido previsto, que é algo normal, visto que a imprevisibilidade faz parte de todas as questões humanas.

Em caso de investimentos, a dinâmica funciona da mesma forma, claro, com algumas especificidades. Quando se trata do ato de investir deve se ter em mente que ela já está implícita a riscos. Afinal, há variação nos preços dos ativos, o que pode levar a perdas, por exemplo.

2.1.1 PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE RISCO

É de suma importância gerenciar riscos para ajudar a estabelecer um planejamento que seja eficiente e o ajude a identificar melhor as oportunidades como:

- Identificar os riscos

Os investimentos estão suscetíveis a diferentes tipos de riscos, cabe ao investidor saber quais são eles, a fim de fazer a identificação antes que eles se concretizem. Basicamente, podemos dividi-los em:

risco de mercado — quando há chances de perda devido às flutuações e perdas de mercado, como a taxa de juros;

risco do ativo — é o risco ligado a cada tipo de ativo, por exemplo, se você investe em ações de refinarias de petróleo, terá que acompanhar o valor do petróleo;

risco de crédito — quando você compra ações de uma organização, você “empresta” dinheiro a ela, logo, se ela sofre falência, existe o risco de perda de parte ou mesmo totalidade dos investimentos feitos;

risco de liquidez — alguns títulos têm prazo para resgate, a fim de que o custo de oportunidade do investimento valha a pena, portanto, caso precise vender uma ação em curto prazo, pode ser que você não veja a totalidade deste.

- Definir o nível de tolerância ao risco

A segunda tarefa é definir a tolerância ao risco. Isso significa trabalhar com a variação nos retornos de investimentos: o investidor precisa saber até que ponto ele está disposto a suportar. É preciso ser bastante realista, nesse caso, sobre a sua disposição, pois, caso você assuma um risco muito alto, pode criar um pânico e vender ativos na hora errada.

Para entender mais sobre o assunto, é interessante saber seu perfil de investidor e pesquisar períodos em que perdas históricas aconteceram e como isso afetou o mercado e a economia. Outros fatores devem ser considerados, como a capacidade dos seus ganhos futuros, diversificação dos seus investimentos, entre outros.

- Traçar estratégias para o gerenciamento dos riscos

Depois de ter ideia do seu nível de tolerância ao risco, é hora de determinar algumas estratégias para se prevenir. Uma delas é limitar o número de ações simultaneamente abertas. Assim, o investidor evita se perder em meio a muitos dados a

serem analisados, concentrando os seus esforços nas ações que de fato podem lhe render mais lucro.

Outro ponto importante é ter uma estratégia que esteja alinhada aos seus objetivos, estudando, para isso, a variação diária de mercado, bem como o cenário macroeconômico. Afinal, a Bolsa de Valores sofre interferências de muitos coeficientes.

- Acompanhar as movimentações do mercado

Outra questão importante é fazer o acompanhamento dos potenciais riscos de mercado. Como fazer isso? Verificar de perto as movimentações da Bolsa, bem como das ações e fundos multimercados adquiridos ao longo do tempo. Hoje já existem painéis que permitem visualizar o percentual de valorização ou desvalorização dos ativos.

No entanto, não é apenas esse recurso a ser utilizado. É importante fazer o acompanhamento do próprio mercado, analisar o histórico de compra e venda de ações da empresa, avaliar e computar o índice preço-lucro, mas também calcular o valor patrimonial da ação.

- Tomar decisões

A partir do acompanhamento de mercado feito, é hora de tomar decisões quanto aos investimentos. É importante lembrar dos seus objetivos, se eles são de curto ou longo prazo, pois isso interfere diretamente nos seus próximos passos enquanto investidor.

Quais são os riscos de cada investimento? O que pode ser feito para reverter, caso uma ação tenha seu preço reduzido drasticamente? É preciso considerar as variáveis a fim de determinar o que deve ser feito.

O equilíbrio no mercado financeiro depende não só de fatores externos — como a estabilidade da economia — mas também de uma gestão de riscos nos investimentos, essa última ação impactada diretamente pela decisão dos investidores. Portanto, é interessante que as pessoas tenham um planejamento e contem com o apoio de uma empresa de investimento para ajudá-las nessa tarefa.

Embora o processo de crescimento das organizações esteja repleto de incidentes, eventos aleatórios, acontecimentos casuais, fatos fortuitos, é inegável que o planejamento de riscos ajuda em muito na gestão deste. Há uma grande tendência aos desvios, e o que se faz são constantes correções.

Chega-se ao objetivo sabendo-se de onde partiu, para onde se quer ir e corrigindo a rota. Portanto, é fundamental que se definem para onde se quer ir, os recursos e as ações necessárias. Para tanto, o planejamento se torna imprescindível.

Pode-se conceituar a gestão de riscos como um método de ordenação de atividades com vistas a alcançar os objetivos propostos e, portanto, atingir um resultado desejado. O seu propósito básico não é o de prever o futuro, mas o de examinar alternativas futuras, analisar o leque de escolhas, priorizá-las, optar por uma delas no sentido de minimizar ações incorretas e prever e prover meios e recursos necessários, no intuito de buscar a redução de incertezas, minimizando os riscos e os seus impactos.

O risco é um evento ou condição incerta que terá um efeito positivo ou negativo sobre pelo menos um ou mais objetivos do projeto. As práticas deficientes de gerenciamento, a falta de sistemas de gerenciamento integrados, a execução de vários projetos simultâneos sem planejamento, são aspectos que podem contribuir para a existência de riscos em um projeto.

Assim, o objetivo desta pesquisa é trazer aos gestores informações práticas sobre o modelo de gerenciamento de riscos em projetos que estão sendo desenvolvidos dentro das organizações atualmente. Dentro deste contexto, a mesma, tentará contribuir para o aprimoramento da gestão de riscos.

Para que seja eficaz, a gestão de riscos deve fazer parte da cultura da organização. Pois, é um processo interativo composto por etapas que quando realizadas em sequência possibilitam a melhoria contínua do desempenho.

2.1.2 MATRIZ DE RISCO

Podemos definir a matriz de gestão de risco como uma ferramenta de análise e gerenciamento dos riscos inerentes a uma atividade empresarial. Ela reúne uma listagem de todos os riscos projetados para o negócio, procedendo com a análise de probabilidade e impacto deles se realizarem.

Apresentada por meio de uma visualização gráfica simples e objetiva, a matriz de gestão de risco serve para entender os problemas, falhas e ameaças ao longo de todas as atividades de uma empresa.

Dessa forma, ela permite mapear as atividades mais importantes e os riscos inerentes, inclusive os riscos necessários para alcançar as metas de performance estabelecidas. Seu objetivo é, portanto, conhecer antecipadamente quais os riscos mais impactantes ou prováveis de acontecerem em uma empresa.

A partir desse conhecimento, a organização pode desenvolver soluções para a mitigação de riscos, ou seja, planejar as ações da gestão de risco com base em uma análise confiável e eficiente.

O resultado da classificação do risco, indica em qual célula da matriz o risco se encaixa. Como pode ser visto na Figura 1 em anexo, há cores diferenciadas entre as células e essas cores indicam o quão alta é a classificação do risco, ou seja, o quão crítico um determinado risco é.

Por exemplo, os riscos que resultaram em uma classificação alta (cor vermelha na matriz) devem receber maior atenção do que os riscos classificados como moderados ou médios (cor amarela na matriz) e, conseqüentemente, os riscos classificados como baixo (cor verde na matriz) podem ter menor atenção que os moderados e altos.

Figura 1 em anexo – Exemplo de Matriz de Riscos

Visto que as duas dimensões de uma Matriz de Riscos são compostas pela probabilidade e impacto, a seguir é apresentado de forma mais detalhada a definição dessas duas variáveis.

A probabilidade (eixo vertical) consiste na medição de o quão provável é a ocorrência do risco. Em outras palavras, na probabilidade deve-se analisar o quão fácil ou difícil é que determinado risco aconteça. A probabilidade deve ser medida em níveis, por exemplo: muito baixo, baixo, moderado, alto e muito alto. Essas probabilidades também podem ser convertidas em números (porcentagens) para facilitar o entendimento, sendo:

- muito baixo = 1 a 10%;
- baixo = 11% a 30%;
- moderado = 31% a 50%;
- alto = 51% a 70%;
- muito alto = 71% a 90%.

O impacto (eixo horizontal) se refere às consequências do risco caso ele vier a ocorrer, ou seja, quais serão os prejuízos ou danos causados caso o risco incida de fato. O impacto pode ser negativo por exemplo, prejuízo financeiro, perda de clientes, dano à equipamento, etc; ou ainda, positivo, como novas oportunidades de negócio, utilização de uma nova tecnologia, redução de taxas ou impostos, etc. O impacto também é medido em níveis, por exemplo: muito baixo, baixo, moderado, alto e muito alto.

É importante destacar que tanto para o impacto quanto para a probabilidade é possível definir a quantidade de níveis que desejar. Como explicado acima e pode ser visto na Figura 2 em anexo, a matriz apresentada é composta por 5 níveis verticais (probabilidade) e 5 horizontais (impacto).

Figura 2 em anexo – Exemplo de uma Matriz de Riscos com 5 níveis de probabilidade e impacto

Em relação à definição dos níveis das dimensões, é necessário se atentar para que a quantidade de níveis para probabilidade e impacto sejam as mesmas, por exemplo, se for decidido que a probabilidade será apenas baixa, média e alta, o impacto pode ser insignificante, moderado ou catastrófico, ou seja, 3 níveis também (uma Matriz de Riscos com 3 níveis pode ser vista na Figura 1).

2.2 GESTÃO DE AGRIBUSINESS

O agronegócio envolve uma complexa rede de produtores, distribuidores e revendedores que atuam em sinergia até que produtos e gêneros alimentícios cheguem ao consumidor. Essa cadeia de suprimentos em torno da produção agropecuária é um dos maiores desafios enfrentados pelos gestores que atuam na área.

Felizmente, hoje, as empresas agrícolas se beneficiam de conceitos como Internet das Coisas, Big Data e Machine Learning.

Exemplos não faltam de negócios agropecuários que, com a tecnologia em rede, aumentaram a produtividade ou reduziram perdas na produção.

Junto à informatização do setor, cresce também a demanda por gente qualificada que possa assumir projetos e gerir as diversas etapas do negócio agrícola. Nesse aspecto, a gestão do agronegócio é que vai garantir que a aplicação de recursos e de tecnologia seja efetiva para o cumprimento de metas.

Esse é o componente pelo qual as empresas do campo detêm o controle de suas atividades e criam as condições necessárias para expandir mercados.

2.2.1 A AGRICULTURA FAMILIAR

É um tipo de agricultura desenvolvida em pequenas propriedades rurais, recebe esse nome pois é realizada em famílias. A colheita dos produtos serve de alimento para eles e ainda, para consumo de parte da população. Ainda que seja uma atividade muito importante para o sustento de diversas famílias que vivem na zona rural, dados apontam que cerca de 70% dos alimentos consumidos no Brasil são fruto de agricultura familiar, técnicas de cultivo e extrativismo que englobam práticas tradicionais e conhecimento popular estão presentes.

As famílias vivem da venda de produtos que plantam, portanto, a agricultura é uma importante fonte de renda familiar seguido de um trabalho em equipe realizado no campo.

No entanto, as dificuldades enfrentadas por esses pequenos agricultores e a expansão do agronegócio tem levado a inúmeros problemas de ordem social econômica.

O setor agropecuário patronal e os produtores rurais familiares, refletem-se também sobre a construção, a apropriação e o uso de noções e conceitos. A apropriação das noções de agronegócio e agricultura familiar é a expressão de uma disputa política resultante da situação fundiária, especialmente após a adoção do aparato da Revolução Verde, classificado por muitos teóricos como um processo de modernização conservadora do campo brasileiro.

Também devem realizar uma análise sobre o mercado da agricultura familiar na região onde estão inseridos, verificando o relacionamento com as pequenas propriedades rurais.

É constituída de pequenos produtores rurais, povos e comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas e pescadores. O setor se destaca pela produção de milho, raiz de mandioca, pecuária leiteira, gado de corte, ovinos, caprinos, olerícolas, feijão, cana, arroz, suínos, aves, café, trigo, mamona, fruticulturas e hortaliças.

Na agricultura familiar a gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda. Além disso, o agricultor familiar tem uma relação particular com a terra, seu local de trabalho e moradia. A diversidade produtiva também é uma característica marcante desse setor, pois muitas vezes alia a produção de subsistência a uma produção destinada ao mercado. O Censo Agropecuário de 2017, levantamento feito em mais de 5 milhões de propriedades rurais de todo o Brasil, aponta que 77% dos estabelecimentos agrícolas do país foram classificados como de agricultura familiar. Em extensão de área, a agricultura familiar ocupava no período da pesquisa 80,9 milhões de hectares, o que representa 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros.

2.2.2 GESTÃO NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS

Propriedade rural Familiar, o imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalho com a ajuda de terceiros;

Em todo mundo, especialistas apontam que mais de cerca de 90% das empresas são familiares e, no agronegócio, essa tendência também pode ser comprovada sendo a maioria das empresas rurais consideradas negócios familiares. No entanto, a gestão de uma empresa familiar é um desafio para todos os envolvidos, uma vez que as relações familiares, geralmente mais emocionais, se misturam com os papéis profissionais que exigem maior racionalidade para a tomada de decisões. Segundo dados do IBGE, a cada 100 empresas familiares, 30 chegam à segunda geração e apenas 5 alcançam a terceira geração. Por que isso acontece?

A resposta está justamente na incompatibilidade de valores e procedimentos praticados nesses diferentes ambientes. Caso você atue em uma empresa familiar, negócio no qual o poder decisório é transferido de maneira hereditária a uma ou mais famílias, ou atue em empresas que seguem as mesmas características da gestão familiar em seu “modus operandi”, esteja atento a alguns pontos críticos que serão fundamentais para garantir o sucesso e a sobrevivência da sua organização:

Ausência de Planejamento Estratégico: é raro encontrarmos uma empresa rural com algum planejamento estratégico, sendo que a maioria ainda trabalha com as mesmas diretrizes de seus fundadores.

Conhecimento gerencial baixo: é quase inexistente o conhecimento e a aplicação dos conceitos gerenciais no campo, com definição e indicadores de metas. Na maioria das vezes, é o sentimento que predomina na tomada de decisões.

Centralização do comando: é comum observarmos que o comando do negócio ainda se mantém nas mãos do fundador ou que este seja um influenciador nas decisões, dependência que potencializa o risco desta empresa se manter ao longo do tempo.

Indicação de cargos sem análise das competências: os cargos estratégicos são preenchidos, na maioria das vezes, por filhos e/ou parentes próximos sem os mesmos possuírem as competências necessárias para o desempenho de suas funções. Mistura do ambiente familiar e do profissional: muitos dos desacordos familiares começam em casa, por motivações pessoais, e continuam na empresa, interferindo nos processos da organização.

Dificuldade de separação do emocional e o racional: a indefinição no estabelecimento dos cargos e funções dos familiares que estão atuando na empresa faz com que a hierarquia não fique muito bem definida e toda a equipe sofre com essa confusão. Além disso, existe uma tendência de proteção da equipe mais antiga, gerando um ambiente de baixa motivação aos demais.

Insatisfações com a renda: as distribuições de renda entre os familiares normalmente são grandes assuntos para discussão, gerando atritos entre os membros da família.

Inexistência de plano de sucessão: a dificuldade de entregar a direção dos negócios não favorece a preparação do sucessor. Na maioria das vezes, a família se vê obrigada a executar essa transição apenas quando o fundador não pode mais desempenhar suas funções, gerando prejuízos para a organização devido à falta de experiência e ao desconhecimento do negócio.

Baixa inovação do negócio: a inovação fica comprometida pela dificuldade de superar velhos paradigmas, o que pode gerar inclusive um sentimento de impotência nos filhos que acabam se desligando da empresa. Todos estes fatores contribuem para a perda de competitividade da empresa no ambiente de negócios. Na medida em que a empresa cresce, a gestão precisa se profissionalizar e evoluir para um novo patamar de forma a garantir a continuidade da organização.

Nesse sentido, é preciso que os fundadores se conscientizem destes desafios e implementem um choque de gestão em seu ambiente de trabalho, com o objetivo de definir melhor suas estratégias, aumentar a rentabilidade e garantir a perpetuação da empresa. Para isso, será preciso, entre outras coisas, definir claramente as funções dos familiares na gestão da propriedade, reestruturar o quadro organizacional com definições claras de autoridade e responsabilidade, capacitar herdeiros e sucessores e criar um conselho administrativo com a participação familiar.

A solução é, sem dúvida, a busca do amadurecimento gerencial de suas atividades e o Brasil precisará dessa maturidade das empresas familiares para nos tornarmos mais competitivos no agronegócio mundial.

PDCA é um ciclo que traz resultados diferentes e complementares a cada utilização, o que faz com que ele seja um método de uso contínuo para maior sucesso na resolução de problemas.

1ª etapa: PLANEJAMENTO

Sua ordem lógica começa com o PLAN, que foca na parte estratégica. O objetivo aqui é levantar e analisar informações para estabelecer objetivos e metas.

É importante elaborar um plano/estratégia que resolva os problemas encontrados. Para isso, deve-se desenvolvê-los com base nos valores e diretrizes políticas da empresa.

Depois é que se vai levar em consideração o estabelecimento dos objetivos pretendidos com o ciclo.

Em seguida, faz-se a escolha do caminho a ser percorrido para que os objetivos sejam atingidos e, também, a definição dos métodos que serão utilizados para chegar a isso.

Além dessas fases, no planejamento é escolhida a equipe que fará parte do processo, incluindo os líderes de cada um.

Essa etapa da aplicação do Ciclo PDCA é dividida em 4 fases:

- Identificação do problema

Nessa fase, é fundamental definir o problema e reconhecer a importância dele para o desenvolvimento da atividade. Pergunte-se “O que está acontecendo?”.

Levante o histórico do problema, mostre as perdas causadas pelo problema e proponha uma data para o problema ter sido solucionado.

Para ter uma melhor visão do problema, você pode usar relatórios, dados, gráficos, fotos ou ferramentas como o Brainstorming.

- Observação do problema

Agora, o problema deve ser observado em seus detalhes, com suas características específicas. Essa pode ser a fase mais demorada do processo. Afinal, as características do problema devem ser analisadas por vários pontos de vista, além de observar o problema nos locais onde acontecem.

Ferramentas como a Análise de Pareto são normalmente utilizadas para apoio a essa etapa. Quando concluída, permitirá ao grupo estimar o orçamento necessário para resolver o problema bem como a meta a ser atingida com a sua solução.

- Análise do problema

A pergunta a ser feita durante a análise PDCA é “Por que esse problema está acontecendo?”

É nessa fase que as causas serão descobertas. Levantar as possíveis causas, colocá-las em ordem de relevância e escolher as mais prováveis. Além de testar essas hipóteses com novos dados coletados e descartar as mais improváveis fazem parte da seleção de causas do problema.

Aqui, por exemplo, podem ser usadas ferramentas como: o “5 Porquês”, o Teste de Hipóteses ou o Diagrama de Causa e Efeito / Ishikawa

- Plano de ação

Depois de identificadas as causas do problema, é hora de criar ações para resolvê-lo.

O 5w2h ou Plano de Ação são as ferramentas ideais para essa etapa. Pois permitem descrever claramente O Que precisa ser feito, Quem será o Responsável e Quando deverá ser concluída cada Tarefa planejada.

2ª etapa: EXECUÇÃO

Na fase DO, ou Execução, é onde efetivamente se coloca em prática a execução do Plano de Ação criado.

Essa é uma das etapas mais importantes do ciclo e deve ser acompanhada de perto. Assim, as ações serão executadas conforme planejado.

É importante anotar e evidenciar os resultados (bons ou ruins) de cada tarefa concluída. Isso permite um aprendizado necessário ao time envolvido durante o processo.

3ª etapa: VERIFICAÇÃO

No CHECK, é onde acontece a verificação do que foi executado e dos resultados obtidos com o plano de ação. Essa fase pode ser desenvolvida ao longo da execução do Plano de Ação ou, então, formalmente ao término do mesmo, podendo inclusive envolver pessoas ou grupos externos ao time responsável pela solução do problema.

Essa verificação consiste em confirmar se o que foi planejado já está implantado, além de comparar os resultados entre o antes e o depois e o alcance da meta proposta. Se os

resultados colhidos na verificação não forem satisfatórios, é recomendado que se volte à fase de Planejamento do PDCA.

4ª etapa: AÇÃO

Na última etapa, o ACT, nos permite refletir sobre o caminho a ser tomado ao término do ciclo: como será a divulgação dos resultados e do aprendizado adquirido e o que fazer com os eventuais problemas remanescentes.

Aliás, eles poderão ser abordados em um novo “Giro do PDCA”, para a melhoria contínua dos processos.

Essa etapa é dividida em 2 partes:

- Padronização

Aqui é padronizado o que deu certo no Plano de Ação. Evitando-se, assim, que o problema corra risco de reaparecer.

Essa padronização é feita a partir da criação ou revisão de documentos que descrevam os processos (padrões).

Além disso, é importante comunicar as alterações nos variados veículos de comunicação da empresa, como e-mails, reuniões, etc. Para essa padronização ser efetiva, a equipe deve estar apta a desenvolvê-la, o que demanda treinamento e educação para os envolvidos na mudança.

- Conclusão

É neste momento que a equipe faz uma reflexão sobre todos os resultados (com a ajuda de gráficos, fotos e outras ferramentas como a Análise de Pareto ou a Folha de Verificação. Deve-se documentar o que deu certo e o que não deu, identificar o que ainda pode melhorar no processo, registrar o aprendizado que o ciclo gerou para o grupo e pensar nos planos futuros.

2.2.3 GESTÃO DO RISCO PARA UMA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL

De uma forma geral, a matriz de risco é elaborada contendo um eixo com escalas de probabilidade de ocorrência para o risco e outro eixo contendo escalas de impacto corporativo para um determinado fator de risco, ao longo dos últimos anos houvesse um grande avanço tecnológico que beneficiou a agricultura e a pecuária na mudança de processos e na infraestrutura, sendo assim, grandes oportunidades se intensificaram nos próximos anos através da inteligência da agricultura digital.

Podemos criar algumas variáveis sendo basicamente, com os três pilares, o primeiro deles diz respeito à agregação de valor e diversificação, de modo a responder às expectativas cada vez mais exigentes, bem como atender aos mercados mais sofisticados, competitivos e rentáveis. O segundo pilar é direcionado à intensificação da produção de maneira segura, considerando alguns aspectos, dentre eles, elevação da cadeia produtiva e da qualidade do produto com tecnologias de baixo impacto e redução das emissões de gases de efeito estufa. O terceiro é bastante importante onde, se relaciona à gestão dos riscos pertinentes na atividade econômica rural, em outras palavras, riscos financeiros.

Todo e qualquer risco é passível de ser mitigado através de uma gestão eficiente dos fatores que o causam, por exemplo, riscos operacionais podem ter resoluções a partir de protocolos e políticas direcionadas à condução correta das atividades e riscos de produção podem ser administrados com a utilização de dados históricos que auxiliam na predição e tomada de decisão.

Na diretriz de riscos financeiros, é preciso diagnosticar onde está o desvio, deve-se avaliar as taxas de juros, prazos e instituições financeiras antes de financiar suas operações. Para que isso aconteça, é necessário antes de tudo contar com um sistema que organize todas as informações sobre as suas atividades no campo, como o Produtor. Com todas as informações reunidas, quando se tratar de custos, fica muito mais fácil analisar e controlar as economias de escala e de escopo. Em outros processos, a gestão ocorre de modo muito mais simplificado: na parte de preços, você consegue observar a

diversificação das atividades e práticas de hedge e, na questão cambial, se planejar quanto às ferramentas de hedge.

Já o risco de mercado que deriva da volatilidade de preços, por exemplo, é possível analisar a diminuição do preço de venda das commodities ou excesso de oferta, ou ainda a falta de demanda no mercado. Com tudo isso em mente, leve em consideração implantar um sistema de gestão que vai te auxiliar na predição e tomada de decisões, como o produtor: uma plataforma fácil de operar que vai te ajudar ainda a aumentar a lucratividade na sua propriedade rural. Muitas vezes as empresas e produtores rurais possuem todas as informações necessárias na tomada de decisão ou pelo menos a maior parte deles, mas de forma desorganizada e descentralizada, espalhada em diversos sistemas e planilhas e, como sabemos, informação desorganizada ou que não está disponível quando necessário é o mesmo que uma informação inexistente.

Assim, onde a cada dia temos mais informações à nossa vista, a maior fonte de risco é a falta de referências, pois sem as informações corretas disponíveis no momento adequado, não é possível tomar nenhuma ação de mitigação. Dessa forma, o produtor te orienta na adequação de processos, custos e investimentos, reduzindo os riscos, gerando, assim, mais segurança e compliance nas suas atividades.

Tipos de possível impacto do risco nas atividades rurais :

Uma das primeiras etapas de um gerenciamento de risco organizacional, desempenhada é a identificação de todos os fatores de risco, assim deve acontecer o reconhecimento da avaliação dos fatores de riscos positivos e negativos, que compõem uma das etapas essenciais do gerenciamento de risco de uma organização.

Planejamento do gerenciamento de riscos: envolve como abordar, planejar e executar as atividades de gerenciamento de riscos. **Organização de riscos:** consiste em elencar quais, onde, quando, por que e como os eventos podem impedir, atrapalhar, atrasar ou melhorar o alcance dos objetivos. **Dirigir Análise qualitativa e quantitativa de riscos:** consiste em identificar e avaliar os controles existentes, determinar suas consequências ou impactos, a probabilidade e o nível de risco. **Planejamento de controlar os riscos:** consiste em desenvolver estratégias e planos de ação específicos e

econômicos, visando aumentar oportunidades e reduzir as ameaças aos objetivos. **Monitoramento de respostas aos riscos:** envolve o acompanhamento dos riscos identificados, monitoramento dos residuais, identificação de novos, execução de planos de respostas e avaliação de sua eficácia. Comunicação implícita: consiste em comunicar e consultar as partes em cada etapa do processo de gerenciamento de riscos e em relação ao processo como um todo.

Essas atividades de avaliação ficam facilitadas se forem feitas com ajuda de matrizes, como a MR e a MO, que auxiliam na qualificação dos riscos, incluindo uma análise qualitativa e quantitativa posterior, para o planejamento das respostas que serão dadas a eles. Essa classificação pode ser desenvolvida de várias formas, mas uma das mais conhecidas é a MR, ou a matriz de probabilidade de impacto.

3. CONCLUSÃO

Diante dos objetivos traçados neste trabalho , avaliar a GESTÃO DO RISCO NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS, no que se refere ao processo de riscos, podemos analisar suas práticas e gestão em frente às propriedades rurais existentes. Com a elaboração do estudo sobre Gestão nas pequenas propriedades rurais, foi possível identificar um sistema de apoio a tomada de decisão e a sua implementação, como um projeto de investimentos e gerenciamento de riscos em uma pequena propriedade, possibilitando melhorias no gerenciamento do negócio. De modo geral, o sistema de agronegócio atende bem os requisitos levantados. O sistema viabilizou um bom desenvolvimento das atividades, tanto nos processos inicial de implantação rural até sua distribuição , de compras, vendas e renda familiar .

Com a gestão da matriz de risco pode proporcionar conhecimento e facilidade no modo de gerir a propriedade, facilidade no armazenamento de dados, otimizando dessa forma, a coleta dos dados e da informação, melhorando assim a tomada de decisões sobre o negócio. Por outro lado, sabe-se que os produtores possuem, em sua maioria, limitações quanto ao uso de computadores no seu dia a dia e a realização da gestão da sua propriedade.

No entanto, essas limitações podem ser transformadas em oportunidades para seu crescimento tecnológico no agronegócio da família. Dessa forma a implementação de gestão numa propriedade agrícola, gera interesse do jovem em gerenciar e estabelecer as metas do negócio junto com os demais se tornará maior. Pode-se concluir ainda que a utilização do sistemas em pequenas propriedades rurais gera benefícios para o empreendimento, sua sucessão e sua sustentabilidade, assim como para a família e a organização do papel de cada integrante dentro do negócio. Sendo assim através deste trabalho foi possível aplicar toda teoria do gerenciamento de riscos em projetos dentro de uma propriedade rural e avaliar sua gestão e riscos onde agregou em muito nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

<https://www.gov.br/agricultura>< acesso em 26 de outubro de 2021>

<https://www.ibge.gov.br/> < acesso em 26 de outubro de 2021>

PADILHA, A.C.M.; GOMES, M.A. et al. O desenvolvimento do diagnóstico estratégico em propriedades rurais do agronegócio. INGEPRO, vol.02, n. 06, 2010.

PARISE S.M.; SANÇÃO E.; et al. Desenvolvimento Sustentável em Pequenas Propriedades Rurais: Diagnóstico Estratégico em uma Propriedade Rural do Extremo Oeste Catarinense. Congresso Internacional de Administração, 2010.

<https://www.siteware.com.br/metodologias/ciclo-pdca>< acesso em 10 de novembro de 2021>

<https://www.todamateria.com.br>< acesso em 31 de outubro de 2021>

ANEXOS

Figura 1 – Exemplo de Matriz de Riscos

Probabilidade	Alta	Média	Alta	Alta
	Média	Baixa	Média	Alta
	Baixa	Baixa	Baixa	Média
		Insignificante	Moderado	Catastrófico
		Impacto		

Figura 2 – Exemplo de uma Matriz de Riscos com 5 níveis de probabilidade e impacto

Probabilidade	90%	Média	Média	Alta	Alta	Alta
	70%	Baixa	Média	Média	Alta	Alta
	50%	Baixa	Baixa	Média	Alta	Alta
	30%	Baixa	Baixa	Média	Média	Alta
	10%	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Média
		Muito Baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito Alto
Impacto						

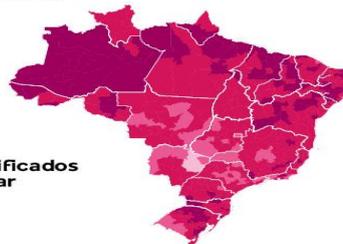
Agricultura familiar

Family farming

 **77%**

Estabelecimentos são classificados como agricultura familiar, cerca de 3,9 milhões de estabelecimentos.
Of establishments are classified as family farming, about 3.9 million establishments.

Estabelecimentos classificados como agricultura familiar
Establishments classified as family farming



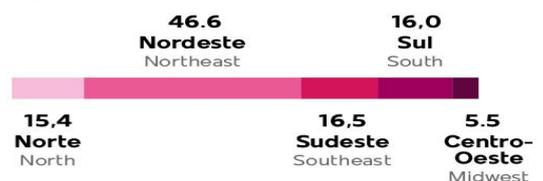
Por microrregiões
By microregions

- Até 40,0%
Up to 40.0%
- De 40,1% a 60,0%
From 40.1% to 60.0%
- De 60,1% a 80,0%
From 60.1% to 80.0%
- Acima de 80,0%
Above 80.0%

 **67%**

Pessoal ocupado de todo o pessoal ocupado em agropecuária no País, cerca de 10,1 milhões de pessoas.
Personnel employed of all personnel employed in agriculture in the country, about 10.1 million people.

Por Grandes Regiões (%)
By Major Regions (%)



TRENDSCE

Fonte / Source:
IBGE. Censo Agropecuário 2017
IBGE. Agricultural Census 2017

